



**UNIVERSIDADE FEDERAL FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

CATIANA MALACARNE

**TRABALHAR E ESTUDAR:
UMA ASSOCIAÇÃO DESAFIADORA PARA OS JOVENS**

**CHAPECÓ
2017**

CATIANA MALACARNE

TRABALHAR E ESTUDAR:
UMA ASSOCIAÇÃO DESAFIADORA PARA OS JOVENS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fronteira Sul.

Orientadora: Prof.^a Maria Alice Canzi Ames

CHAPECÓ

2017

Malacarne, Catiana.

TRABALHAR E ESTUDAR: uma associação desafiadora
para os jovens / Catiane Malacarne. – 2017.
50f.: il.

Orientadora: Maria Alice Canzi Ames.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura
em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2017.

1. Juventude. 2. Trabalho. 3. Educação. I. Ames, Maria
Alice Canzi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul.
III Título.

Ficha elaborado pela autora.

CATIANA MALACARNE

TRABALHAR E ESTUDAR:

Uma associação desafiadora para os jovens

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção de grau de Licenciada em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof.^a. Ms. Maria Alice Canzi Ames.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

MARIA ALICE CANZI AMES

CAMILA SISSA ANTUNES

JUVENAL SCHMITZ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus criador do Universo

Aos meus pais, razão da minha existência, motivo de orgulho, sempre pensando em meu melhor. Pelos ensinamentos e incentivos e ajuda quando mais busquei forças para continuar minha caminhada, pelo amor incondicional eterno e carinho.

A minha companheira Mariza por toda ajuda nos momentos difíceis as palavras de apoio e compreensão e respeito, carinho e paciência nestes anos.

Aos meus irmãos pelo carinho e companheirismo e ajuda, sempre do meu lado pra tudo mesmo, pois nestes anos de caminhada acadêmica foram tantas coisas boas mas também perda do meu pai querido foram dias de angustias e sofrimento, pois ele queria tanto ver um filho formado na Universidade federal criada pelos movimentos sociais através de muitas lutas, ele era apoiador dos movimentos sociais, acreditava que a educação era melhor caminho para igualdade social e econômica pois, seus três filhos, e suas noras, estudam na UFFS, por ele motivo de orgulho em falar da universidade.

A minha orientadora Maria Alice Canzi, pelo qual tenho uma enorme admiração e carinho, pela pessoa integra também pela compreensão e a amizade e de poder partilhar de sua sabedoria e competência para a construção deste trabalho. Pelo amparo nos momentos difíceis.

A UFFS por me proporcionar a possibilidade de inserção a um curso superior em uma instituição federal nascidas das lutas sociais movimentos do povo. A todos os professores que tive em minha formação acadêmica.

Aos amigos que ganhei ao longo destes anos, as ausências em família e grupos de amigos as angústias, choros, risos as conquistas lutas e muito aprendizado. Não somente aprendizado acadêmico, mais também de vida que levarei para a vida toda.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso elaborou-se sob o requisito parcial de aprovação no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul, tem como tema: Trabalhar e estudar: uma associação desafiadora para os jovens. O objetivo deste trabalho foi apontar as evidências relacionada à dificuldade de inserção e permanência dos jovens ao mercado de trabalho. Bem como buscou-se identificar e compreender as transformações e trajetórias destes jovens diante da necessidade de conciliar a escola e o trabalho; permeados pela escala da inserção destes ao mercado de trabalho, caracterizado por grandes desafios das políticas de emprego nos dias atuais. Este trabalho sintetiza aspectos referentes a temática, enfatizando as políticas de emprego para a juventude. A intenção maior em enfatizar as especificidades da inserção dos jovens ao mercado de trabalho permeado pelo paralelo do aprendizado nos bancos escolares é trazer experiências, situando as evoluções e dificuldades destacadas pelos pretensos trabalhadores. As principais abordagens deste estudo, foram atribuídos especialmente aos referenciais teóricos da área da Sociologia com destaque a Pierre Bourdieu e Juarez Dayrell, bem como outros pensadores, enfocando posicionamentos, ideias e noções e realidade dos estudantes pesquisados em relação à escola e os contextos laborais e profissionais. A realização desta pesquisa deu-se através de abordagens qualitativas, usando questionários abertos e através de entrevistas semiestruturadas, com estudantes de ensino médio noturno da EEB. Coronel Ernesto Bertaso, localizada no bairro São Cristóvão, no município de Chapecó – SC.

Palavras-Chave: Juventude. Escola. Inclusão. Trabalho.

ABSTRACT

This Final Paper was done as a partial requirement of approval in the course of Degree in Social Sciences of the Federal University of the South Frontier, has as its theme: "Work and study: a challenging association for the young". The main target was to point out the evidence related to the difficulty of insertion and permanence of young people in the job market, as well as seeking to identify and understand the transformations and trajectories of these young people in the face of the need to reconcile school and work. Permeated by the scale of their insertion into the job market, characterized by major challenges of today's employment policies. This paper synthesizes aspects related to the theme, emphasizing employment policies for youth. The greater intention to emphasize the specificities of the insertion of the young people in the labor market permeated by the parallel of the learning in the school's banks is to bring experiences, placing the evolutions and difficulties highlighted by the pretentious workers. The main approaches of this study were attributed especially to the theoretical references of the area of Sociology with emphasis to Karl Marx, Pierre Juarez Dayrell, focusing on the student's positions, ideas and notions and reality of the students researched in relation to the school and the work and professional contexts. This research was carried out through qualitative approaches, using open questionnaires and through semi-structured interviews with students of Coronel Ernesto Bertaso High School, located in the district of São Cristóvão, in the city of Chapecó - SC.

Keywords: Youth. School. Inclusion. Job.

SUMÁRIO

<u>1</u>	<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>8</u>
<u>2</u>	<u>REPRESENTAÇÕES DAS DESIGUALDADES NO BRASIL</u>	<u>12</u>
2.1	OS JOVENS, O DESEMPREGO E A MARGINALIDADE.	13
2.2	AS TRAJETÓRIAS DA BUSCA PELO TRABALHO	15
2.3	CONTEXTO HISTÓRICO – INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO.	16
<u>3</u>	<u>JUVENTUDE E TRABALHO: DUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO</u>	<u>18</u>
3.1	A EDUCAÇÃO NA VIDA DA JOVEM TRABALHADOR	18
3.1	O JOVEM, A GLOBALIZAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO.	23
3.2	INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO	27
3.3	4. CONTEXTO E ANÁLISE DOS DADOS	30
3.2	CONTEXTO E PERFIL DO ESTUDANTE TRABALHADOR	33
3.3	O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE O TRABALHO	33
3.4	PERSPECTIVAS QUANTO AO TRABALHO E A ESCOLA	35
	<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>40</u>
	<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>42</u>
	<u>APÊNDICE</u>	<u>45</u>
	<u>ANEXOS</u>	<u>47</u>

1 INTRODUÇÃO

As possibilidades de realizar sonhos através de formas produtivas é, talvez, o maior projeto das juventudes que buscam organizar e planejar seus futuros, passando pela incessante função de adequar-se as normas e exigências que o assustador mercado de trabalho requer. As transformações que se apresentam em todas as áreas da realidade desses jovens surgem como grandes desafios, começando pela capacitação e profissionalização tão em voga quando se refere ao mercado de trabalho e a sociedade como um todo. Diante desses contextos, o trabalho torna-se propulsor de criatividade e conhecimentos que aos poucos favorecem os caminhos e condições para a produtividade.

O constante crescimento do mercado de trabalho, causado pelas ofertas de emprego, proporciona aos jovens maiores incentivos que aumentam suas expectativas de futuro com vistas voltadas a independência financeira e o crescimento profissional.

Diante disso, este trabalho tem como finalidade apontar as violências relacionadas a dificuldades de inserção e permanência dos jovens ao mercado de trabalho, pois, de forma geral, a sociedade traz exigências no âmbito de qualificação e do saber exigindo da juventude um tempo maior para qualificar-se e estar apto para se tornar indispensável a esse mercado.

Os jovens atribuem a sua entrada no mercado de trabalho, vislumbrando através dele sua independência financeira e reconhecimento social, deixando de serem crianças e assumindo o papel de ser adulto. Portanto, este trabalho contribuirá para a compreensão das dificuldades encontradas pelos jovens neste momento crucial de suas vidas.

Escolhi este tema, pois ao realizar o estágio interdisciplinar I, II e III na Escola de Educação Básica Coronel Ernesto Bertaso, constatei a inquietação e infinitas dúvidas dos estudantes, a respeito da sua entrada no mercado de trabalho. Percebi que existem muitos estudantes que já trabalham e obtiveram essa primeira oportunidade através de órgãos facilitadores, tais como o CIEE (Centro de Integração Empresa Escola do Estado de Santa Catarina) e escolas técnicas, tais como o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Além desses fatores,

acredito que seja de suma importância apresentar as ações criadas pelo governo para a inserção desta parcela da população ao trabalho.

Para embasar o tema proposto utilizei conceitos do autor Juarez Dayrell (2010), em seu texto “A juventude no contexto do Ensino de Sociologia: questões e desafios”, onde o mesmo relata que as condições mínimas de recursos para o lazer, namoro e consumo se dão através do trabalho, assim o jovem valoriza essa iniciação profissional.

Porém, o autor apresenta que, os jovens, na sua maioria, transitam por várias empresas em um curto espaço de tempo, pois devido a sua condição inicial, não tem experiência e acabam optando por empregos temporários.

Os autores Guy e Abraham Franssen (1997) complementam o tema em seu texto “O trabalho, busca de sentido” apresentando uma inversão de sentidos em relação ao trabalho, afirmando que antes a inserção ao trabalho era importante, pois assegurava projetos coletivos, hoje o sentimento de satisfação ao estar desenvolvendo trabalhos remunerados se dá pela realização individual por projetos singulares.

Segundo Pochmann (2007) a sociedade do conhecimento surgiu na transição das sociedades industriais no final do século XX, com a determinação de exigir os conhecimentos tanto acadêmicos como técnicos para a aceitação dos jovens no mercado de trabalho. Desta forma, intensificou-se a necessidade do jovem em adquirir qualificação, capacitação e habilidades para atender exigências quando das pretensões de assumir qualquer tipo de função.

Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística), no cenário atual do Brasil, os números de vagas disponível no mercado não atendeu a demanda de jovens desempregados. A grande dificuldade encontrada é decorrente do fato de que a maioria das vagas ofertadas trazem exigências como inglês fluente e conhecimentos específicos em informática, domínio total em determinadas áreas e níveis de escolaridade cada vez maior, ou seja, estas vagas são destinadas a indivíduos com completa experiência para a função. Diante de tantas exigências que dificultam a inserção do jovem ao primeiro emprego, o governo criou o “Programa Menor Aprendiz”. Para aderir a este programa o jovem precisa estar matriculado em uma unidade de ensino ou tenha completado o ensino médio, além disso, precisa fazer parte ou estar inserido em curso técnico profissional, cuja frequência esteja em 100%.

A lei 10.097/2000 (Lei da Aprendizagem) apoia e ampara o “Programa Menor Aprendiz” determinando a contratação de jovens de 14 a 25 anos por empresas de médio a grande porte, capacitando estes jovens tanto na teoria quanto na prática, atendendo as cotas que variam de 5% a 16% do quadro de funcionários efetivos que atendem as qualificações (Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de Políticas públicas de Emprego, 2011).

Com a efetivação do trabalho do aprendiz devidamente legalizado, segundo tal experiência, o jovem passa a ser protagonista de sua própria carreira, uma vez que assume o papel de agente nato destes desenvolvimentos. Cabe a este jovem, quando recebido na empresa, demonstrar criatividade, interesse, ousadia e determinação possíveis de contestações, como características benéficas e propensas no auxílio e manutenção de nomes ideais para estruturar os processos. (GONZAGA, 2012).

Desta forma, o jovem figura como responsável, com decisão e capacidade diante das relações humanas, sociais e do próprio trabalho, considerando que o método utilizado para a capacitação deste aprendiz promoverá sua autonomia. A inserção das jovens através do trabalho e como gerador de renda mostra-se estruturação para o desenvolvimento dos indivíduos como cidadão social e bem-sucedido economicamente, fruto dos processos ligados pelas pontes entre o mercado de trabalho e a aprendizagem, resultado em autoestima e responsabilidade (POCHMANN, 2007).

Através das contribuições dos referenciais teóricos citados e das atribuições referentes a esta proposta de pesquisa, foi possível delimitar ferramentas e parâmetros que possibilitaram identificar e compreender os motivos pelos quais os jovens decidem percorrer caminhos que os levem ao mundo do trabalho, bem como as várias dificuldades e obstáculos que encontram.

A pesquisa foi realizada na Escola de Educação Básica Coronel Ernesto Bertaso situada no bairro São Cristóvão, no município de Chapecó, SC. E os jovens selecionados foram 10 estudantes do ensino médio de turmas diferentes, com idades entre 14 e 29 anos.

A metodologia definida foi de caráter qualitativo e exploratório, para a coleta de dados o método escolhido foi o de entrevistas estruturadas, onde “o entrevistador segue roteiro previamente estabelecido e as perguntas são feitas a indivíduos previamente determinados”. (MINAYO, 2013). Realiza-se por meio de um formulário

elaborado em decorrência de um planejamento e dirigido a pessoas selecionadas previamente” (MARCONI, LAKATOS, 2005). A escolha desta metodologia teve por objetivo a comparação entre as respostas dos participantes, observado as diferenças de resultados diante do mesmo conjunto de perguntas.

Esta forma de pesquisa atende a necessidade de aprofundamento de algumas questões referentes a ligação ou relações entre estudo e trabalho, partindo então pra outra forma de obtenção de dados caracterizada pelas entrevistas individuais. Esta técnica de coletas de dados contribuiu no sentido de responder ao objetivo proposto no estudo e priorizando alguns eixos de análise, como emprego formal, desemprego e os sentidos entre trabalho e escola. Desta forma foi possível identificar as estratégias particulares dos jovens e também dar mais poder de voz a eles.

2 REPRESENTAÇÕES DAS DESIGUALDADES NO BRASIL

Em dados mais recentes a Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílio-PNAD (2014) mostra que no Brasil existem 49,1 milhões de jovens entre 15 e 29 anos, representando 25% da população total do país e dificilmente o crescimento do país acompanha estes índices, onde seria necessário proporcionar condições de vida digna a todos (BRUNS, 2012).

Somando-se a esta realidade, evidencia-se a preocupante situação de pobreza e desigualdade social, a baixa escolaridade, seguidas pela dificuldade de acesso às oportunidades que diminuem as perspectivas futuras e dificultam a inserção e a permanência social destes jovens no Brasil. O principal problema em relação à falta de trabalho para os jovens caracteriza-se, além do sistema educacional, pela condição socioeconômica dos jovens mais pobres que, consequentemente, tem suas oportunidades de encontrar trabalho reduzido.

Segundo dados do IPEA, (Instituto de Pesquisa econômica aplicada), a partir dos 14 anos os casos de abandono escolar começam a aparecer mais frequentemente. Na faixa dos 18 anos o número de jovens sem escolaridade ainda é maior, porém já trabalham ou buscam por emprego. A explicação que se dá a essa evasão escolar é clara quando se trata da necessidade de se trabalhar.

Outro fator em destaque entre os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é que a justificativa para a necessidade deste jovem trabalhar é questão da baixa renda familiar. Neste contexto, ao atingir a idade da adolescência, os jovens sentem necessidade de ganhar dinheiro, fazendo com que enfrentem o difícil caminho do mercado de trabalho.

As expectativas em relação ao trabalho se configuram como dimensões privilegiadas de análise ao se pensar nos jovens no mundo contemporâneo, onde figuram no atual modelo cultural. Apesar da diversidade de perspectivas nas análises sobre os modos como os jovens transitam em direção a vida adulta há um consenso em torno das complexidades dos caminhos, bem como um reconhecimento de que a crise e as mudanças no mundo de trabalho teriam um forte impacto nesse processo". (CORROCHANO, 2001, P.5).

É consenso que as condições socioeconômicas e culturais da família refletem na inserção e dificuldade de permanência escolar dos jovens. Em meados do ano 2006 a faixa etária entre 14 e 22 anos ocupava o índice de 19% da

totalidade da população brasileira, no entanto menos de 46% destes jovens estudam para poder trabalhar (PNAD, 2014).

O principal motivo do agravamento de situações dos jovens em relação ao mercado de trabalho depende da implantação de políticas públicas mais eficazes, uma vez que o jovem é o principal prejudicado diante da atual situação. É sabido que a inserção precoce do menor ao mercado de trabalho pode trazer consequências devastadoras tanto para os jovens quanto para a sociedade.

Seja qual for à época ou o lugar em que o trabalho infantil é praticado, se apresenta com as mesmas características de má remuneração e jornada de trabalho indefinida, sendo que muitas vezes tal remuneração é insuficiente para a sobrevivência do jovem e da família. É importante que a sociedade reconheça o jovem como sujeito de direitos, visando sua qualificação e proteção conforme afirma Marin (2006):

O curso profissionalizante bem como a escolarização adequada de jovens favorece para que produza efeitos afirmativos ao princípio da proteção integral, devendo criar um espírito crítico no adolescente sendo capaz de proporcionar formas de qualificação compatíveis com vínculos de saberes para o trabalho e de incorporar dimensões sociais e culturais reafirmando os jovens e sua família como sujeitos de direitos. (MARIM, 2006 , p. 108).

As formas complexas pelas quais os jovens identificam as necessidades de ingressar ao mercado de trabalho variam dependendo das classes sociais. No Brasil, a partir do ano de 2005, foram constatados através de pesquisas aumento dos índices relacionados à juventude em busca de emprego. Essa é uma fase na qual a juventude enfrenta diferentes paradigmas relacionados ao trabalho.

2.1 OS JOVENS, O DESEMPREGO E A MARGINALIDADE.

Como ampliação de obstáculos encontrados pelos jovens na busca pelo primeiro emprego a crise de desemprego pode produzir graves desajustes sociais, tendo como consequência o aumento da vulnerabilidade juvenil. Desta forma, estes fatores de dificuldades ampliam o individualismo e as frustrações, causando desesperança em relação ao futuro, desanimando este pretendo trabalhador diante de tantas dificuldades.

As formas de exclusão ocupacional no mercado de trabalho pode induzir os jovens a usarem suas energias de formas inadequadas trazendo prejuízos à sociedade e a si próprios, como por exemplo, o uso de drogas, comportamentos violentos, entre outras formas de marginalidade com práticas de ações violentas e criminosas. A energia da juventude, no entanto, deve ser direcionada à práticas reivindicativas visando melhorias de suas condições de vidas e trabalho através de atividades benéficas à sociedade, promovendo a cidadania e a solidariedade.

Segundo dados da OIT (Organização Internacional do trabalho), nas últimas décadas a inserção de jovens ao mercado de trabalho não acontece da forma como deveria, gerando desajustes sociais como principal consequência. De acordo com Mesquita (2006, p. 32), há entre a maioria dos jovens a frustração e a vergonha pela situação de desemprego devido as pressões familiares e sociais para que sejam trabalhadores ativos.

Na versão de Castel (1998, p. 32), os aspectos ligados ao desemprego dos jovens trazem complicações para a sociedade e dificulta os meios para a coesão social. Discordando de Castel (1998), Mesquita (2006, p. 49) enfatiza que o desemprego juvenil tem um ponto positivo, uma vez que serve de incentivo para que o jovem continue seus estudos e procure qualificar-se, deixando de inserir-se ao mercado de trabalho prematuramente e sem muita qualificação. No caso de famílias menos favorecidas economicamente, o empenho maior é que seus jovens ingressem logo ao mundo do trabalho, pois necessitam que seus filhos façam parte do grupo produtivo e auxiliem no orçamento familiar.

Diante disso, segundo dados do IBGE, os jovens trabalhadores se concentram em números maiores nas famílias de baixa renda. Estes fatos deixam claro que de nada adianta melhorar as leis e investir em políticas públicas de empregos. É necessário aliar às leis formas de propiciar condições de vida de qualidade para população “pobre” a partir da distribuição, impedindo que os jovens sejam forçados a procurar meios de subsistência cada vez mais cedo, ingressando ao mercado de trabalho sem o mínimo de estrutura e de forma inadequado e abrindo mão de sua formação escolar.

2.2 AS TRAJETÓRIAS DA BUSCA PELO TRABALHO

O cenário de obstáculos e dificuldades ao qual a maioria da juventude são apresentadas todos os dias os traz um sentimento de impotência diante da impossibilidade de visualizar saídas para estes impasses profissionais e escolares. Neste sentido, segundo Korman (2004), a importância pode levar à paralisia, resultando em fenômenos mais extensos de qualificação, bem como abandono dos cursos secundários e universitários:

O trabalho é dotado de sentido pelos jovens de forma complexa, variando conforme a sociedade e os grupos sociais e também de acordo com o contexto histórico. Apesar da diversidade de perspectivas na análise sobre os modos que os jovens “transitam” em direção à vida adulta, há um consenso em torno da diversificação e da complexidade dos caminhos, bem como um reconhecimento que as crises e as mudanças no mundo do trabalho teriam fortes impactos neste processo. (CARROCHANO, 2001, pg.6).

Segundo Karl Marx (2010), o trabalho pode ser definido como um processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza e as relações sociais:

O ser humano, na condição de ser social, necessita produzir para sua existência como condição de sua sobrevivência. Desta forma o homem se diferencia dos outros animais pelo ato de trabalhar, dando forma ao contexto em que vive e a natureza, criando assim a essência de seu existir. Antes de tudo, o trabalho é um processo do qual participa o homem e a natureza como processo natural. (MARX, 2010, pg. 204).

Karl Marx, ainda assume a análise das categorias trabalhistas a partir das noções de trabalho como peças indispensáveis à vida humana nas trajetórias históricas de cada um.

Nas palavras de Thomé & Koller (2010), as implicações de transformações de categorias sociais do trabalho atingem a subjetividade dos jovens, sobretudo na forma de disseminação de ideais, como da cultura, do desempenho e da competição. A inserção ao trabalho, muitas vezes é atravessada pela valorização da qualidade, produtividade e pelos valores onde refletem capitais culturais adquiridos.

Marx (2010) define o trabalho como paralelo entre o homem e a natureza, dentro do processo necessário para a própria sobrevivência enquanto ser social.

Para Bourdieu, “a juventude é só apenas uma palavra, porém, a juventude pode ser tomada como passível de manipulação ou representação em função de ideais” (BOURDIEU, 1983, pg.54). Segundo Gonzaga (2012), os jovens absorvem mais facilmente as percepções referentes ao capital social e também pelo fato de estar na faixa etária mais propícia para se fazer investimentos de capital humano.

Na versão de Becker (1985), é importante que a família comece cedo os investimentos referentes aos estudos e profissionalizações dos jovens. Bruns et. AL (2012) ressalta que é recorrente os casos de má qualidade na educação secundária. Outra referência de peso são os posicionamentos do IPEA, com destaques para os altíssimos índices de evasão escolar diante da necessidade de trabalhar, contrastando com as informações do IBGE de que nesses casos se considera a importância da contribuição do trabalho do jovem na renda familiar. Marin (2006, pg. 108) relaciona a escolarização e a profissionalização adequada dos jovens, bem como de suas famílias, ao acesso às condições de direitos referentes. Nas percepções de Carrochano (2001, pg.5) destacam-se as diversas e marcantes dificuldades encontradas pelos jovens nos caminhos do trabalho, assim como na transição para a vida adulta.

2.3 CONTEXTO HISTÓRICO – INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO.

Segundo Guy e Franssem (1997), a parcela de jovens brasileiros ocupados se diferencia conforme o período e contexto social ao qual eles estão inseridos, desta forma, para compreender os dias atuais, torna-se de extrema relevância a busca de um contexto histórico sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Estes autores destacam que o Brasil da República Velha tinha uma população jovem e de baixa renda que dispunha de condições de extrema pobreza e dificuldades do acesso ao sistema educacional e que a educação era limitada as classes mais elevadas. Afirmam, ainda, que a maioria da população jovem era obrigada a vender sua força de trabalho em troca de pequenos salários para garantirem sua existência. Os trabalhos eram desenvolvidos de forma braçal nas atividades de subsistência tanto no meio urbano quanto no rural, com longas

jornadas de trabalho e em locais que não garantiam a qualidade mínima de segurança e bem-estar.

Conforme Henrique (1999), entre os anos de 1930 e 1980 ocorreu um intenso processo de industrialização no Brasil que resultou em muitas mudanças sociais e econômicas para o país. O período pós-guerra acelerou a economia brasileira e trouxe avanços para a industrialização, assim, no século XX, muitas pessoas saíram do meio rural em direção as cidades para trabalhar nas fábricas. O autor enfatiza, porém, que este novo modelo social, com novas oportunidades de emprego, desenvolveu a nova classe média, dando queda considerável a pobreza.

Apesar desse avanço, em 1980 o Brasil foi considerado um dos países com maior desigualdade social do mundo. Neste contexto social os jovens ocupavam grande espaço no mercado de trabalho, também puderam se beneficiar de novas oportunidades de escolarização formal, inclusive ensino médio e superior (IBGE, 2012).

Nas décadas de 1980 e 1990 o Brasil passou por crises externas que reduziram o crescimento econômico desestruturando o mercado de trabalho, apesar disso, a população jovem economicamente ativa ainda era elevada, conforme mostram os dados do IBGE. A taxa de participação dos jovens de 15 a 24 anos subiu de 55,3% em 1980, para 56,5% em 1991 e atingiu no ano de 2000 61,1% seu patamar máximo na história urbana e industrial brasileira (IBGE, 2012).

Em meio à crise entre os anos de 1980 e 1990 ocorreram transformações estruturais adversas no mundo do trabalho e, conseqüentemente, na inserção dos jovens brasileiros ao emprego. “Com efeito, em 2003, ano das mais elevadas taxas de desemprego no Brasil, a taxa de desemprego metropolitana na faixa etária de 15 a 24 anos alcançou 25,3%, sendo ainda muito maior na faixa de 15 a 17 anos com 38,1%, do que os 23,4% da faixa de 18 a 24 anos” (IBGE 2012).

Nos anos de 2004 a 2010 houve um crescimento da economia brasileira com fortes impactos positivos sobre a geração e crescimento do emprego formal. Porém, entre o período de 2014 a 2015, ocorreu uma estagnação da população empregada e o número de desocupados se tornou maior do que a de ocupados.

As transformações políticas e sociais tiveram papel fundamental na estruturação do jovem atual e na valorização do estudo para a entrada no mercado de trabalho. Contudo, somente o estudo obrigatório não garante a entrada no

mercado de trabalho, portanto é necessário instituições e políticas públicas voltadas a instrução e inserção desses jovens ao mundo do trabalho.

3 JUVENTUDE E TRABALHO: DUAS CATEGORIAS DE ANÁLISE QUE PERMEIAM A EDUCAÇÃO

3.1 A EDUCAÇÃO NA VIDA DA JOVEM TRABALHADOR

Segundo Althusser (1992), ao passo que se vive em um sistema capitalista a educação torna-se, também, como qualquer outro produto ou serviço, quantificável. A escola é o principal aparelho ideológico do Estado que qualifica para o trabalho, como consta na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação brasileira que veremos logo a diante.

Suprindo as necessidades de mão-de-obra qualificada do capital, a partir da divisão social do trabalho, qualifica-se e quantifica-se determinada função e atividade. Neste sentido a escola reproduz e valoriza apenas o capital cultural e, por isso, ao passo que vai qualificar para o trabalho ela inclui e exclui sujeitos na história, pois impossibilita o acesso e ascensão social de alguns em detrimento de outros.

Nas últimas décadas a relação entre família e escola apresenta-se sob nova ótica no campo da Sociologia da Educação. As análises feitas até então referiam-se a família apenas como simples mecanismo de transmissão de capital econômico. Porém, as famílias constituem-se de atores sociais que a partir da capacidade de significação humana dão sentido as suas relações e a estrutura social.

Bourdieu (2012) propõe o conceito de capital cultural que, segundo ele, é caracterizado por uma perpetuação de um sistema de valores sociais que traçam a diferença de rendimento frente à escola. Verifica-se, então, que a trajetória escolar traçada continuamente numa reta sem obstáculos no campo simbólico é efetiva quando a família apresenta relação de reverência com a escola e/ou com o campo científico. Neste sentido, aspectos como administração do tempo para socialização familiar, tamanho da família, valorização da escola, preocupação com o percurso

escolar, atividades extraescolares, etc., são fundamentais no desempenho do jovem na sociedade.

Portes (2000) fez uma pesquisa sobre jovens estudantes provenientes de famílias pobres que estudaram a vida toda em escolas públicas e, apesar das adversidades, ingressaram no ensino superior em carreiras disputadas, como Medicina e Engenharia, porém, segundo o autor, mesmo nos casos em que a trajetória escolar parece ter dependido apenas do estudante o trabalho escolar e familiar existe e é imprescindível para o jovem ter atingido seu objetivo e para seguir estudando. Mesmo não tendo a possibilidade de estudar quando jovens, os familiares acompanham, preocupam-se e questionam o jovem sobre a rotina e o seu desempenho escolar.

Segundo Hasembalg (2003, p. 67), de acordo com Bourdieu, “os bens simbólicos e culturais se diferenciam dos bens materiais no sentido de que eles só podem ser “consumidos” mediante a compreensão de seus significados”. Portanto, o capital cultural, que é exigido nas escolas, necessita fazer sentido, tendo significação prévia, para a sua apreensão e consumo.

Willis (1991) rompe com as “teorias da reprodução” trazendo a “teoria da resistência”. Na primeira os estudantes são passivos e a escola ativa; já na segunda, os estudantes são ativos no seu processo educativo. Desta forma, a indisciplina e as reprovações são vistas como reação à escola.

No Brasil a cultura contra escolar, segundo Willis (1991), se assemelha com a cultura de chão de fábrica, pois na visão operária o conhecimento só é válido quando possui função prática imediata, enquanto que para as classes médias e altas os planos são ou podem ser a longo prazo. A relação entre escola, família e trabalho se dá pelo fato das instituições serem permeadas por determinantes culturais. O paradigma de ensino nas escolas é, geralmente, o tradicional. Sendo assim, a instituição educacional formal resistente ao trabalho mental e a resistência a autoridade por parte dos estudantes se configura da mesma forma. Segundo Dayrell (2010), é evidente a precariedade da democratização da cultura hegemônica no Brasil, com baixo índice de fruição da mesma.

No Brasil a escola é obrigatória para os indivíduos que tem entre cinco e dezoito anos de idade, no entanto, à medida que os estudantes não possuem acesso ao capital cultural, conceituado por Bourdieu, esses não reconhecem o valor da escola, tampouco se (re) conhecem nesse espaço.

Neste sentido, Bourdieu, (2012), na tentativa de desvendar de que maneira a sociedade consegue reproduzir-se nos indivíduos, reestabelece o conceito de *habitus* – “uma noção filosófica antiga” Aristotélica – que – quando trabalhado por Bourdieu – forma “uma teoria deposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes” (WACQUANT, 2007), sem, com isso, objetivar ou subjetivar em demasiado.

As raízes do *habitus* encontram-se na noção aristotélica de hexis, elaborada na sua doutrina sobre a virtude, significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta nossos sentimentos e desejos em uma situação e, como tal, a nossa conduta. No século XIII, o termo foi traduzido para o latim como *habitus* (particípio passado do verbo habere, ter ou possuir) por Tomás de Aquino em sua *Summa Theologiae*, em que adquiriu o sentido acrescentado de capacidade para crescer por meio da atividade, ou disposição durável suspensa a meio caminho entre potência e ação propositada [...]. A noção ressurgiu na fenomenologia, de forma mais proeminente nos escritos de Edmund Husserl, que designava por *habitus* a conduta mental entre experiências passadas e ações vindouras. Husserl (1973 [1947]) também usava como cognato conceptual o termo *Habitualität*, mais tarde traduzido para o inglês por seu estudante Alfred Schütz como “conhecimento habitual” (daí sua adoção pela etnometodologia), uma noção que se assemelha à de hábito, generalizada por Maurice Merleau-Ponty (1947) em sua análise sobre o “corpo vivido” como o impulsor silencioso do comportamento social. (WACQUANT, 2007, p. 65).

É, porém, no trabalho de Bourdieu, que estava profundamente envolvido nestes debates filosóficos, que encontramos a mais completa renovação sociológica do conceito delineado para transcender a oposição entre objetivismo e subjetivismo: o *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (WACQUANT, 2007, p. 65).

O *habitus* é, então, para Bourdieu, um “sistema de dispositivos duráveis e transferíveis que exprime sobre a forma de preferências sistemáticas às necessidades objetivas das quais ele é produto” (ORTIZ, 2003). Ou seja, ele é produto das estruturas e tende a produzi-las. É um operador prático que está em um lugar e faz o que é possível fazer. É o princípio unificador e gerador de todas as práticas.

O cenário educacional formal brasileiro que surge na primeira metade do século XX teve diversas alterações legislativas. O que ocorre é que o ensino e a aprendizagem estão atrelados ao desenvolvimento econômico e a manutenção do status da cultura dominante. (FRIGOTO, 2003). O sistema econômico que envolve

essas relações no Brasil é o capitalista e o saber que o baseia é a ciência moderna. Desta forma, se a grande parte da população continua não sendo contemplada pelas políticas públicas, que no papel estão bem-dispostas, mas nas ações não são exercidas de fato, como ter uma educação de qualidade em um sistema que visa à desigualdade?

Segundo Marin (2008), partindo da Constituição Federal de 1988, a quarta constituição brasileira a ser instaurado, que foi uma ditadura mascarada pelo nome de “Estado Novo”, o Brasil vivia, como se viu anteriormente, um processo de urbanização e de implantação de indústrias, necessitando, assim, de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. A constante necessidade de qualificação da mão-de-obra trouxe a obrigação de investimentos na educação.

O Estado proporciona subsídios para a criação e implantação das instituições educacionais formais necessárias, baseadas em avaliações meritocráticas dos sujeitos. (ALTUSSER, 1992). Assim, o Estado se abstém das suas obrigações, pois os que possuem capital social, econômico e cultural são capazes de se manter ou de manter seus filhos dentro do sistema educativo, já as classes menos abastadas, geralmente, não têm subsídios básicos para a informação e, muitas vezes, para a sobrevivência.

Pode-se perceber que o capital social, cultural e econômico é direcionado para as camadas mais abastadas da sociedade. Portanto, ao passo que se vive em um sistema desigual que visa à economia como fonte para tudo, a educação não fica de fora na mercantilização dos espaços públicos. Tudo se torna mercadoria, inclusive o que se pensa. A educação sempre esteve ligada ao desenvolvimento econômico, bem como a ideologia dominante. Portanto, a construção de conhecimento torna-se mera coadjuvante em um cenário em que o importante é produzir e reproduzir a ordem. Como veremos a seguir, como preconiza Durkheim e como criticam Bourdieu e Willis ao sistema educacional formal.

Podemos relacionar o conceito de *habitus* de Bourdieu (ORTIZ, 2003; BOURDIEU, 2012) com o conceito de socialização de Émile Durkheim (1978), para estabelecer aproximações e diferenças entre as significações dos conceitos, bem como sua relação com o cotidiano escolar. De acordo com Durkheim, o indivíduo aprende socializando, ou seja, o sujeito socializa com as instituições – família, escola – e a partir dessas relações se coloca no campo social. Neste sentido, aproximando os conceitos de *habitus* e socialização tem um mecanismo que insere

as concepções de determinada sociedade no indivíduo, adquirido, também, na relação com as instituições – família, escola – pois possibilita que as raízes imprescindíveis para a manutenção da ordem social se mantenham.

Uma diferença na concepção desses dois autores, que é muito discutida nas Ciências Sociais, é a concepção de sujeito/indivíduo e de sociedade/coletivo. Para Durkheim (1976) a socialização é a imposição das necessidades do organismo social sobre os indivíduos, ou seja, numa sociedade civilizada, os adultos, já civilizados, ensinam os mais jovens a tornarem-se civilizados. Que pode ser comparada com a teoria da reprodução, que, como vimos, Willis (1991) critica trazendo a teoria da resistência – tanto da escola em relação ao trabalho mental, como do estudante que é irregular no comportamento e nas avaliações. Já, para Bourdieu (ORTIZ, 2003; BOURDIEU, 2012), o *habitus* são as concepções da sociedade arraigadas no indivíduo, mas este não é passivo e pode alterar o seu *habitus* e, talvez, o *habitus* da estrutura. Neste sentido, a socialização de Durkheim é uma imposição da sociedade para o indivíduo, já para o conceito de *habitus*, de Bourdieu, a internalização do *habitus* se dá de forma social e individual.

Durkheim (1976) descreve a educação escolar de uma forma conservadora, e como pressupõe Willis (1991), é o modelo mais utilizado na prática das escolas. Isso gera conflitos entre a escola que tenta manter seu status de autoridade com os jovens que demonstram não estarem interessados nas suas regras.

Na busca de fundar uma disciplina para explicar a sociedade, Durkheim (1976) cunha o conceito de fato social, cuja escola se enquadra, pois força uma relação que é coercitiva, exterior e geral. Em seus estudos, o autor estabelece diferenças entre dois tipos de solidariedade na sociedade: a mecânica e a orgânica. Na primeira, a sociedade é homogênea, seus meios de reprodução são apreendidos por meio do trabalho desempenhado por papéis bem definidos, como o do homem e o da mulher. Já na segunda, a sociedade é heterogênea, onde o que o diferencia da primeira é exatamente o processo de diferenciação que cabe a escola fazer:

Os jovens possuem modos autônomos de identificação, então, por um lado a escola cumpre seu papel coercitivo e mantenedor da semiótica dominante, colocando (quase que) de forma determinante os sujeitos com êxito em determinadas posições na estrutura social e jogados à margem da sociedade os sujeitos fracassados nas avaliações institucionais. (DAYRELL, 2010)

Por outro lado, os jovens encontram-se com diferentes culturas e percepções diferenciando-se autonomamente entre si, no entanto a diferenciação dos sujeitos se dá socialmente pelo seu *habitus* e capitais (social, cultural e econômico). A escola enquanto instituição faz o papel de diferenciação que aborda Durkheim, porém isso segrega os sujeitos, impedindo-lhes, ou tentando os impedir, de terem voz ativa, de ascenderem-se socialmente, etc.

Em uma sociedade de solidariedade mecânica não existe a percepção de indivíduo, enquanto em na orgânica sim. Então, o Estado comete um equívoco ao passo que projeta uma educação institucional, geral, coercitiva, externa e, ainda, onde os mais maduros ensinam os menos maduros da mesma forma que na sociedade mecânica.

Segundo Willis (1991), os jovens apresentam comportamentos de resistência, de contracultura, gerando conflitos entre a ordem individual e a ordem institucional/social e possibilidade promissora na escola, não aceitando as posições diversas que podem ser apresentadas pelos sujeitos, impondo “verdades universais” sobre as pequenas verdades contidas nas vidas dos agentes sociais.

Em contraponto, Frigoto (2003), firma que a sociedade moderna exige dos agentes que a compõe postura, educação, civilização, entre outras coisas. Mas como nesta sociedade, que confere referência à orgânica, há percepção de individualidade, abre-se a possibilidade para abertura de diversas formas de ser, pensar e agir. Então, não cabe uma educação regrada, carregada de obstáculos sociais, culturais, econômicos, que só promovem as desigualdades.

O Estado é formulado por regras baseadas em um saber, uma verdade, o capital cultural e a ciência, todas determinadas pela ordem dominante, dessa forma o Estado assume o papel de instrumento de dominação sobre a sociedade(ALTUSSER, 1992). Nesta base de conhecimento que permeia a vida moderna, as pequenas verdades são desvalorizadas, desprezadas e estigmatizadas. Enquanto houver hierarquias, de significados, sociedades, sujeitos, etc., obviamente, não haverá espaços equânimes.

3.1 O JOVEM, A GLOBALIZAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO.

Pelo fato do Brasil ser um país em desenvolvimento, a fase que promoveu o processo de globalização e promoveu a nova fase do capitalismo, ocorreu de forma

gradativa. A transformação do mundo como consequência dos avanços tecnológicos trouxe uma série de consequências para o mercado de trabalho, entre elas a competitividade entre as empresas que buscam pela permanência nos contextos de atuação e que tiveram que se aperfeiçoar e se adaptar com auxílio de novos programas, com a intensão de diminuir custos da produção e alavancar os lucros, para isso se fez necessário os investimentos para que o capital adquirisse valorização. Porém, estes fatos por si só exigem do trabalhador, significativos investimentos em si próprios através da educação (OLIVEIRA, 2006, p. 68).

O mercado de trabalho tem como característica principal a concorrência entre os indivíduos das mais diversas faixas etárias. A falta de planos de cargos, carreiras e salários, porém, faz com que o emprego dos jovens tenha baixas exigências quanto a qualificação profissional causando pouca estabilidade contratual que deixam os jovens sem perspectivas de progressos profissionais nas empresas (POCHMANN, 2007, p.115).

Sendo assim, o mercado de trabalho apresenta-se desfavorável aos jovens diante da constante presença de mão-de-obra excedente, deixando-os em situação de desigualdades de condições e competições com os adultos, sendo induzidos a exercerem cargos inferiores dentro das empresas. Isso se torna problema uma vez que necessitam de renda para sustentarem-se e suprirem despesas suas e de suas famílias, problema esse que compromete a formação escolar e os meios para se qualificarem profissionalmente (CHAVENATO, 2004 apud POCHMANN, 2007, p. 123).

Segundo Oliveira (2006), para que o jovem seja inserido ao mundo do trabalho, ele necessita de preparação que lhes proporcione novos acessos à comunicação, permitindo maior poder de argumentação quando chegar a hora de enfrentar uma entrevista de trabalho, sabendo distinguir a vida profissional da vida pessoal e causando boa impressão.

Esse momento de transição onde o jovem assume um novo papel social, se apresenta de forma singular, pois a intensidade dos desafios a ele proposto se dá através de uma continuação do aprendizado já adquirido ao longo do tempo, de uma construção contínua, advinda da educação e do contexto social em que está inserido. Dayrell afirma que:

São as relações sociais as que verdadeiramente educam, isto é, formam, produzem os indivíduos em suas realidades singulares e mais profundas. Nenhum indivíduo nasce homem. Portanto, a educação tem um sentido mais amplo, é o processo de produção de homens num determinado momento histórico. (DAYRELL, 1992, p.2).

Para este autor a educação é de extrema importância na construção desse ser social. O trabalho se apresenta aos jovens como uma condição que pode variar conforme o momento do ciclo de vida e condições sociais que cada indivíduo esteja passando.

Partindo do ponto de vista de que os jovens que estudam e trabalham diferem-se dos demais, Gonzaga (2012) destaca que os investimentos de capital humano serão, literalmente, melhores aproveitados quando aplicados na faixa de idade considerada mais propícia, ou seja, a juventude, uma vez que o fator “tempo” é mais flexível permitindo recuperações, revisões, etc.

Entre os desafios encontrados por jovens brasileiros para a inserção ao mercado de trabalho destaca-se a educação, que assume papel de diferenciação determinante para a condição e possibilidade de acesso aos postos de trabalho.

Apesar das políticas públicas nos três níveis da base governamental, municipal, estadual e federal, com o objetivo de melhorar a empregabilidade e a remuneração de jovens já inseridos no mercado de trabalho, poucos foram os avanços. Os índices de desemprego de jovens, se comparados com o restante da população, podem ser altos, principalmente entre jovens de baixa renda. Um dos grandes fatores que influem na dificuldade de o jovem conseguir um emprego é, sem dúvida, a pouca escolaridade devido ao abandono escolar nas primeiras fases de sua escolarização (GONZAGA, 2012).

As justificativas relacionadas aos altos índices de evasão escolar dos jovens são caracterizadas pela necessidade de dispor de ganhos provenientes de algum tipo de trabalho para seu sustento, sendo que muitas vezes atende também ao sustento de uma família inteira. Por outro lado, as políticas tradicionais de auxílio social que permitem ou auxiliam na qualificação profissional não tem sido muito eficaz, uma vez que o mercado de trabalho existente no Brasil não favorece os jovens já prejudicados pela pouca escolaridade.

Gonzaga (2012) afirma que um dos investimentos mais promissores é o estudo, mesmo que em longo prazo. Segundo este autor, a decisão das famílias por investir nos estudos dos jovens é influenciado pela necessidade em pensar no

mercado de trabalho com rendimentos imediatos e também no processo de acumulação de capital humano para o futuro. Por outro lado, estes fatos exigem maiores custos de acesso e oportunidade no seio das classes sociais menos favorecidas ou de maior vulnerabilidade, levando crianças e jovens mais cedo ao mundo do trabalho.

O tempo também é um elemento crucial nas decisões sobre os recursos familiares em relação ao estudo. Nas concepções de Becker (1985), enquanto a quantidade de bens e serviços pode expandir-se, o tempo, para consumi-los, é muito curto.

As perspectivas da ascensão social dos jovens que trabalham e estudam não são as mesmas que os demais jovens que só estudam, uma vez que as necessidades básicas de sobrevivência nesta faixa etária são responsáveis até mesmo pelos fatos frequentes de evasão escolar. Situação que diverge com a realidade, já que é fundamental que os jovens estudem e se profissionalizem para garantir acesso e possibilidades à inclusão no mercado de trabalho (BECKER, 1985).

A frequência em que jovens estudantes se inserem ao mercado de trabalho nas primeiras fases do ensino médio nos exige reflexões urgentes e desafiadoras. A realidade exposta aqui é semelhante ou praticamente igual ao cotidiano de milhões de jovens no Brasil, pois muito distante da versão romanceada e amplamente divulgada pela mídia, onde o jovem deve simplesmente estudar e profissionalizar-se para ser incluído automaticamente. Essa é uma mensagem ilusória e improvável diante ao sinuoso e complexo caminho que os jovens realmente enfrentam ou percorrem para conseguir seu primeiro emprego e incluir-se ao mercado de trabalho.

Uma das implicações mais recorrentes é o fato da necessidade dos jovens, independente de gênero, trabalhar para auxiliar nas despesas da família ou de si próprio quando fazem parte de uma classe social desfavorecida, onde são membros de uma família numerosa que só o pai ou a mãe trabalha ou tem recursos suficientes para atender aos gastos de toda a família. Essas condições obrigam a inclusão do jovem a uma rotina árdua e sacrificante na escola em meio período e no trabalho na outra parte do dia, ou ainda, trabalhar o dia todo e estudar no período noturno (BECKER, 1985).

Em numerosos casos, o jovem adolescente não resiste à pressão e a carga de trabalho e estudo, optando somente pelo trabalho por questões de sobrevivência que não lhe oferecem outra opção.

3.2 INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO

Nos dias atuais o jovem se depara com um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente. A busca constante pelo conhecimento traz a sensação de inserção no mercado de trabalho, porém a qualificação profissional não é o único requisito exigido. Quando surge uma vaga de emprego o jovem se depara com dificuldades, tais como, a falta de experiência profissional, neste momento surge o conflito entre a teoria adquirida e a prática.

Devido a esta realidade foram criados programas governamentais para realizar esse vínculo entre o estudante e o mercado de trabalho, mas tais programas ainda não comportam a demanda e muitos jovens não tem conhecimento da sua existência. Um dos programas criados pelo governo é o Pró-jovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) que foi criado no ano 2005 com o objetivo de elaborar e implantar políticas voltadas para as mais de 34 milhões de pessoas de 15 a 24 anos de idade.

Ao longo de 12 meses, o estudante tem aulas das disciplinas próprias do Ensino Fundamental, cursos de língua inglesa, de informática básica e recebem qualificação profissional inicial adequada as oportunidades de trabalho de sua cidade. Neste período, os jovens recebem um incentivo mensal de R\$ 100, desde que cumpram 75% da frequência as aulas e demais atividades previstas. Ao final do curso, os jovens são submetidos a uma avaliação nacional para receberem os certificados de conclusão do Ensino Fundamental. (MTE, 2008, p.10).

Atualmente o programa Pró-jovem atua em 71 municípios com mais de 200 mil habitantes e em 20 estados que viabilizarão a entrada do Programa em cidades menores.

Um dos programas que qualifica o jovem para o mercado de trabalho, dando acessibilidade dele ao estudo é o PROUNI (Programa Universidade para todos). Criado pelo governo federal em 2004 é um programa do Ministério da Educação que oferece bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes sem diploma de

nível superior, em cursos de graduação em instituições de ensino superior particulares.

O objetivo deste programa é ampliar o acesso ao ensino superior da população de baixa renda, garantir sua permanência e favorecer a entrada no mercado de trabalho. Esse programa atua, ainda, com algumas deficiências, pois muitos jovens que ingressam ao ensino superior através dele não conseguem se manter no meio acadêmico devido a outras carências, como moradia, alimentação, vestimenta, etc. Tais estudantes geralmente se deslocam do seu local de origem para estudar e, distante da família, não conseguem ter as condições mínimas para sua subsistência abrindo mão dos seus projetos.

Outros órgãos que auxiliam os jovens para ingressar no mercado de trabalho são as instituições não governamentais e sem fins lucrativos, de utilidade pública, com fins filantrópicos e educacionais, que fazem parcerias com empresas para facilitar o contato entre estudantes e mercado de trabalho. Neste modelo podemos destacar o CIEE (Centro de Integração Empresa Escola). Com o objetivo de formar futuros profissionais, oferece às empresas jovens estudantes do ensino médio, técnico profissionalizante e superior como estagiários.

Bourdieu (2012, p. 84) enfatiza que os jovens que apresentam qualidades e competências tem um tempo maior de permanência no trabalho. Em contrapartida, aqueles que não trabalham se sentem privados de ser social o que representa uma morte social que confirma as teses conhecidas do senso comum de que o trabalho dignifica o homem e o torna inserido no meio em que vive e evita sua exclusão perante a sociedade.

3.3 4. CONTEXTO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 - Histórico da Escola

A EEB Ernesto Bertaso foi fundada em 1960 com uma única sala de aula, funcionando em uma casa particular e na condição de extensão da EEB Marechal Bormann. Em 1961 passa a ser denominada Escola Reunida José Motta Pires, já em terreno próprio, doado pela Empresa Bertaso Ltda.

Através de decreto número 3864 de 14 de dezembro de 1966, passou a Ginásio Escolar Ernesto Bertaso, então com três salas de aula. Em 17 de abril de 1973 foi autorizado o funcionamento da 5ª série do Ensino Fundamental e assim necessariamente até a 8ª série.

No governo de Colombo Machado Sales em 1974 foi construído o atual prédio já em março de 1983, a portaria 842/85 transformava-a em Escola Básica autorizando o ensino médio. Em 2015 a escola apresenta 935 alunos matriculados de 1ª a 9ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio, funcionando nos períodos matutino, vespertino e noturno. Em 2016 a escola completou 56 anos de existência.

Como particularidades do Bairro São Cristóvão destacasse o fato de que essa comunidade pertencesse ao bairro mais antigo de Chapecó, sua população atual é de aproximadamente 9.035 habitantes. Este bairro surgiu na década de 60 como o bairro mais populoso da cidade trazendo o nome de Bairro Aeroporto pelo fato de ter instalado ali o Aeroporto Municipal. Ainda nesta década instalou-se na comunidade o Frigorífico Marafon, atualmente Aurora Alimentos, o qual proporcionava emprego para a maioria dos moradores do bairro.

Na década de 70 tal fato voltou a repetir-se com a vinda da Sadia Avícola S.A. Hoje BRF, frigorífico que proporcionou centenas de novos empregos e com isso a vinda de muitas famílias do interior e também de outros estados, em especial do Rio Grande do Sul que ali se instalaram pelo fato de ser o bairro mais próximo destas empresas.

A população do bairro é formada pela classe operária das agroindústrias, empresas moveleiras, pequenas empresas prestadoras de serviços, supermercados, padarias, entre outros.

As famílias do Bairro São Cristóvão fazem parte de diversificadas associações e igrejas, porém a religião católica predomina, onde que o padroeiro da igreja católica é justamente São Cristóvão, para o qual é feita uma grandiosa festa na metade de cada ano.

Como parte da cidadania está os direitos e os deveres de cada cidadão, onde que o cumprimento dos mesmos constitui-se no instrumento de bom comportamento para que a convivência escolar seja de forma satisfatória a todos.

O espaço escolar na verdade vai além de ser um lugar de aprendizado formal, ele é o primeiro lugar de convívio social da vida da criança permitindo o confronto com outros costumes e outras formas de disciplinas que irão contribuir para a construção de valores morais e sociais pertinentes para a vida inteira.

A escola, porém, é o espaço onde se reelabora o conhecimento produzindo uma transformação social, coletiva e democrática, mesma aos que se encontram fora dela. A função da escola enquanto meio socializador é entender o ser humano como social e histórico, que passa por transformações através dos tempos com heranças culturais e morais, em uma sociedade de relações múltiplas.

Nas considerações de Minayo (2013), a pesquisa é a atividade básica da ciência e construção da realidade, através dos frutos ou resultados das pesquisas é possível obter ferramentas para conduzir a construção de conhecimentos e aprendizados no processo de ensino nas questões referentes às realidades no mundo, percorrendo os caminhos desde a teoria até os vínculos do pensamento e das ações:

Nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente vinculadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões seus objetivos. (MINAYO, 2013, p.16).

A partir da coleta de dados e informações em local pré-determinado, o processo de pesquisar, que na maioria das vezes é de forma descritiva, se dá através da ação do pesquisador onde, com fidelidade aos relatos, transcreve as vivências referentes ao contexto em questão, fazendo uma comparação com teses de referenciais teóricos escolhidos e determinados anteriormente para auxiliar no entendimento das relações.

Neste sentido, para a realização deste trabalho optei pela pesquisa exploratória de caráter qualitativa, caracterizada pelo trabalho de campo envolvendo 10 jovens estudantes do ensino médio noturno da Escola Básica

Coronel Bertaso, situada no bairro São Cristóvão, região central da cidade de Chapeco- SC.

Através de questionário dirigido e entrevista estruturada, foi possível coletar dados de forma satisfatória e tranquila a partir dos questionamentos sobre como esses jovens percebem a necessidade de trabalhar para contribuir com a renda da família.

Figura 1 Entrada principal da EEB Ernesto Bertaso.



Fonte: Catiana malacarne 2016

Os procedimentos de coleta de dados se deram, inicialmente, a partir de um questionário de 14 perguntas e em segundo momento a partir de entrevistas semi-estruturadas realizadas no semestre 2016/2. Foram distribuídos 10 questionários, a pesquisa seguiu aspectos éticos sendo que os participantes tiveram suas identidades preservadas. Após a conclusão da coleta de dados, iniciaram-se as

análises em paralelo com as teses dos referenciais teóricos previamente descritos na introdução deste trabalho.(Os gráficos representativos sobre a pesquisa estão dispostos nos anexos).

3.2 CONTEXTO E PERFIL DO ESTUDANTE TRABALHADOR

Os jovens participantes desta pesquisa foram escolhidos aleatoriamente entre os estudantes do ensino médio noturno da EEB Coronel Ernesto Bertaso, no município de Chapecó SC, que tinham entre 16 e 17 anos e que já tivessem contato com algum tipo de trabalho ou emprego.

Ao todo foram entrevistados cinco estudantes do sexo masculino e outros cinco do sexo feminino e, dentre esses 10, apenas um dos jovens não era solteiro e já possui um (1) filho. A maioria já tinha começado a trabalhar com 14 anos de idade.

A grande maioria desses jovens, sete ao todo, trabalha há mais de um ano no mesmo lugar e conseguem conciliar estudo e trabalho, possibilitando condições de possuir uma renda (Gráfico 6), e que, segundo Gonzales (2005, p. 118) é uma integração fundamental que favorece os processos da educação.

Três estudantes declararam nunca terem trabalhado. Um dos jovens afirmou que não trabalha por falta de oportunidade e outros dois porque não conseguem conciliar seu horário,(Gráfico 2). Dos sete estudantes que trabalham, cinco afirmaram estarem na informalidade e os que possuem trabalho formal atuam na área do comércio.

3.3 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE O TRABALHO

Dentre os jovens entrevistados que trabalham, a maioria afirmou buscar no mercado de trabalho experiência e salário e apenas um menciona buscar boas condições e carga horária. Além disso, comentam que a maior dificuldade que possuem para ingressarem no mercado é a falta de experiência e de formação qualificada para determinada área. (Gráfico 4, em anexos).

Portanto, consideramos que os jovens inscritos nos programas de inserção ao mercado de trabalho, como “Jovem Aprendiz” e cursos profissionalizantes possuem uma ferramenta a mais ou uma maneira de romper as barreiras sociais,

qualificando-se frente ao mundo do trabalho, uma vez que os cursos propiciam a sua valorização, tornando-os mais confiantes para o desenvolvimento de habilidades. (Gráfico 12, em anexos).

O primeiro estudante que teve o questionário analisado, que será identificado aqui como Pedro, estuda no primeiro ano do ensino médio, têm 16 anos, mora com seus pais, tem uma irmã menor e ainda não trabalha. Quando questionado sobre as dificuldades encontradas no ingresso no mercado de trabalho, o mesmo fez um relato, demonstrando certa preocupação com o questionamento ao dizer que “[...] o jovem hoje em dia, tem muita concorrência, não é tão fácil arrumar um trabalho, tem que estudar fazer curso e ainda ter um “padrinho”, precisa estar antenado no mundo, participar de programas que ajudem a gente a conseguir um trabalho”. (Gráfico 9, em anexos).

Os fatores apontados pelo estudante são relatados pelo autor Dayrell (2010), onde afirma que “no Brasil, o princípio da incerteza domina a vida dos jovens, que vivem verdadeiras encruzilhadas de vida, nas quais as transições tendem a ser ziguezagueantes, sem rumo fixo ou predeterminado” (2010 p.74).

Seguindo o questionário, busquei saber se Pedro, já participou de algum programa governamental ou instituição que o teria incentivado ou o encaminhado à algum trabalho.

Eu penso em fazer o ENEM, e participar do PROUNI, pretendo estudar para ter uma qualificação, ainda não decidi o curso que pretendo fazer, mas como moro com meus pais e tenho apoio deles, pretendo estudar, para depois trabalhar em uma área específica, depois vou procurar trabalho. (Pedro. Entrevista realizada em 2016).

Quanto a estudante que iremos chamar de Andressa, e que está no terceiro ano do ensino médio, 17 anos, morando com os pais e com um irmão maior e um menor, já trabalha com a mãe em um consultório médico. Seu ingresso ao mercado de trabalho foi tranquilo, pois conseguiu trabalhar junto com a sua mãe, mas afirma que se não tivesse essa oportunidade com certeza teria dificuldades para arrumar um emprego. Conforme seus anseios pessoais “[...] claro se eu tivesse trabalhar como caixa de supermercado, ou vendedora em loja seria mais fácil, mas almejo por um futuro melhor”.

Sobre a utilização de entidades governamentais e/ou instituições que facilitem o acesso ao emprego desejado, a mesma responde: “Já participei do CIEE , essa instituição é muito importante neste momento inicial do jovem com o

mundo do trabalho, eles ajudam a gente a ter esse primeiro contato com as empresas, dão algumas orientações para uma boa postura e apresentação em entrevistas, acho bacana o trabalho deles”.

A terceira estudante, Flávia, que também está no terceiro ano do ensino médio, tem 17 anos, mora com os pais e tem uma irmã menor, se diferencia dos demais em alguns aspectos. Ela ainda não trabalha, está investindo todo o seu tempo nos estudos, seus pais a incentivam e a acompanham diariamente em suas atividades. Além do ensino regular, a jovem faz curso técnico no SENAI, e comenta: “Meus pais sempre me disseram: faça um curso superior, mas antes, faça um curso técnico, pois é muito mais fácil conseguir um emprego com curso técnico, depois você pode fazer uma faculdade”.

Segundo Romanelli (1980), as demandas de expansão industrial surgem de uma necessidade de mão-de-obra qualificada e assim surgem os cursos técnicos, onde o jovem consegue se inserir no mercado de trabalho de uma forma mais rápida, suprimindo a necessidade do sistema capitalista.

A nova fase de expansão da indústria exigia, portanto que algumas medidas fossem tomadas no sentido de preparação de mão-de-obra. O sistema educacional, todavia, não possuía a infraestrutura necessária a implantação, em larga escala de ensino profissional. (ROMANELLI, 1980, p.166).

Assim, o jovem que tem pressa ao ingressar no mercado de trabalho para ocupar o seu lugar, adquirir uma existência no olhar do outro, afirmar a dignidade do lugar que ocupa no mundo social, sua utilidade para os outros, o desejo de ser alguém, acaba implicando diretamente na sua formação escolar. (Gráfico 5, em anexos);

3.4 PERSPECTIVAS QUANTO AO TRABALHO E A ESCOLA

A partir dos relatos em entrevista, notou-se a condição de informalidade que permeia a vida desses jovens em formato de subemprego que, na maioria dos casos, são mal remunerados e sofrem desvalorização profissional. A falta de qualificação profissional, de orientação vocacional e, também, a falta de oportunidade de ingresso ao mercado de trabalho são apontamentos que os jovens entrevistados mencionam como responsáveis pela opção de ingresso ao trabalho

informal.(Gráfico 10); Estes relatos demonstram a fragilidade juvenil que se manifesta no olhar e nos rostos dos jovens que almejam encontrar seu caminho profissional, como deste aluno do 2º ano: “Sei o que seria o melhor caminho profissional pra mim, mas não está fácil achar o que procuro. “Os bicos” que faço apesar de não me dar garantias, garante um bom ganho que dá pra ir “levando” os gastos lá de casa” (Lucas, 2016, 17 anos).

Além disso, observou-se que o trabalho é uma das coisas mais almejadas, configurando-se como projeto de vida e como um diferencial em relação aos demais. A falta de condição de trabalho e renda representa uma forma de angustia, incerteza e frustração, consistindo assim, de forma geral, em um dos maiores problemas da juventude. Branco (2005) enfatiza que “Isto permite concluir que o trabalho ocupa posição central da agenda juvenil, ainda que não autorize o entendimento que se dessa promovê-lo e qual se passa para a população adulta” (BRANCO, 2005, p.135).

Contudo, o descontentamento em relação a desvalorização do trabalho dos jovens, principalmente os referentes ao trabalho informal, como relata Carla (16 anos), é um consenso entre os entrevistados.

Meu trabalho de babá era bem legal e tranquilo mas passava o dia todo lá e no final do mês ganhava só R\$ 450, 00 reais, só porque ainda sou menor, outras babás nas mesmas condições que eu ganhava o salário mínimo cheio só porque já eram de maior, com carteira assinada e tudo, mas o desempenho era igual. (Carla, 2016), 16 anos).

O percentual de jovens que se encontram no mercado de trabalho formal é bem menor que os índices referentes a informalidade, refletindo nos fatos que dos dez entrevistados, só cinco trabalham com carteira assinada.

Se analisar os fatos de forma singular veremos que de certa forma os ganhos com o trabalho informal desses jovens são grandes e vistas como “interessantes”, como relata Keila, 16 anos, aluna do 1º ano e que mora com a avó: “Minha vó faz as trufas que vendo aqui na escola, não dá muito, mas ganho bem mais com as trufas aqui do que o trabalho com carteira que ainda tem que descontar um monte de coisas...”.

Oliveira (2004, p.43) relata que é muito elevado o índice de desemprego juvenil no Brasil, mas na mesma proporção se encontra o subemprego causado por diversos aspectos: salários, regulamentações, encargos e legislações, entre outros.

Quando questionados sobre o que consideram mais importante para a vida, os jovens entrevistados levantaram como prioridade a relação com a família como eixo de referência, ou seja, a família é fundamental na vida desses jovens, segundo os depoimentos a seguir: “A família para mim é tudo, se não tem a mãe para lembrar, de tudo, não estou nem aí, esqueço as coisas”. (Thiago, 2016, 16 anos). “Família não é só para dar ordem, acho que a gente nasce sem saber de nada, a ajuda da família é que monta o quebra cabeça da nossa história” (Maria Eduarda, 2016, 16 anos).

Segundo Sarti (2005, p. 25), como objeto das expectativas familiares, os jovens têm os rumos de suas vidas traçados por seus pais de forma a cumprir o que a família espera para si. Por outro lado, o trabalho aparece sempre em destaque logo após a família. Ele também é de extrema relevância para seus jovens estudantes e trabalhadores que frequentam o ensino médio noturno da EEB Ernesto Bertaso.

Com isso, notou-se que estar inserido a alguma forma de trabalho e remuneração significa a obtenção de dignidade e cidadania, de autonomia e conquista de direitos, principalmente nas famílias onde a situação é de adversidades como o desemprego. A falta de qualificação, a condição imposta da informalidade mal remunerada, onde todos estes fatos contribuem para materialização e transformações do cotidiano do sujeito, os espaços familiares e escolares são vistos como ponto de referência e apoio onde concentram suas bases e subsídios para lidar com as adversidade e prover suas carências, como enfatiza Branco,

A grande maioria dos jovens consideram que os ensinamentos da escola são importantes para a vida em relação a um futuro profissional melhor apesar de reconhecerem que a escola não os qualifica para as funções profissionais, sendo necessário formação profissional direcionada e reconhecida. (BRANCO, 2005, p.137).

Desta forma, a educação através da escola assume um papel significativo na vida desses jovens, pois acreditam que o aprendizado na escola promove formações mais específicas, as quais permitem o ingresso ao mercado de trabalho em determinadas funções.

Neste sentido, a escola e a educação como um todo assumem um papel extremamente decisivo na vida desses jovens, uma vez que acreditam ser através

do conhecimento e do aprendizado básico na escola que conseguirão chegar a um futuro profissional digno. Sendo que a maioria da juventude traz consigo essa ideia, como enfatiza Branco (2005, p.138), é provável somar a relevância dada a educação com as referidas ao emprego ou atividades profissionais.

No entanto, sabemos que a realidade não é bem essa e que milhares de jovens, hoje, no Brasil, terminam o ensino básico sem nenhuma qualificação que atenda as exigências e demandas do mercado de trabalho. Muito disso em virtude da má qualidade da educação que recebem, em conjunto com a falta de condições financeira para custear outros cursos de formação profissional, como um ensino superior, por exemplo, onde a inserção de jovens de classe menos favorecida economicamente tem pouco acesso.

Para os jovens entrevistados, a escola é o lugar onde passam o maior tempo de suas vidas, mas que, por outro lado, ela é insuficiente e desinteressada com seus futuros, problemas e aspirações, como por exemplo no desenvolvimento nos campos pessoal e profissional. Manifestam e expressam que o sistema educacional atual não se interessa por essas questões particulares. Relatam que muitas vezes são induzidos a ficarem calados, pois certas críticas à escola podem influenciar nas suas notas nas avaliações.

É assustador que em pleno século XXI algumas escolas, ou profissionais a elas vinculados, ainda ignoram os problemas vivenciados pelos jovens ali inseridos. É preciso que haja uma reformulação que mude esse cenário educacional, mais metas, funções e responsabilidades, promovendo, assim, a aprendizagem direcionada e abrangente.

Seria peculiar uma reforma com a participação de toda comunidade escolar, pois acredita-se que é tempo de dar oportunidade de voz aos estudantes, principalmente para formar as quatro bases estruturais que são jovens, escola “educação”, trabalho e família.

Na sugestão de Von Dollinger (1997), onde se refere às recomendações feitas pela organização para a cooperação e desenvolvimento Econômico (OCDE), deve-se promover enlace entre a aprendizagem e o trabalho, estabelecendo as relações e pontes que facilitam um movimento mais flexível entre a educação e a capacitação para o trabalho. Segundo este mesmo autor, estas caracterizações consiste em ampliar e melhorar formas de avaliação e reconhecimento de

habilidades e competências individuais através da aprendizagem formal ou informal (VON DOLLINGER, 1997, p. 14).

A ideia de “enlaces” significa, acima de tudo, cativar o jovem através da disponibilidade para o diálogo, para a escuta, para o bem querer, para ver além do campo visual, com responsabilidade de crítica diante do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender melhor como os jovens que estudam e trabalham e que se encontram inseridos ou não aos programas de aprendizagem, percebem nas suas experiências esse paralelo entre o trabalho e a escola.

As leituras realizadas e os dados coletados e analisados para esta pesquisa tornou possível a identificação de múltiplas áreas do conhecimento que almejam respostas aos questionamentos sobre os jovens que trabalham e estudam, assim como os comportamentos e ações referentes aos quais estão inseridos. Para que fossem possíveis as análises, explorou-se os significados que os jovens constroem a partir da escola, do trabalho e das ligações existentes entre ambos.

Os jovens que participaram destes estudos tornaram-se agentes de seus próprios desenvolvimentos, construindo sentidos e significados a partir de suas experiências e estratégias para superarem desafios, auxiliados pelas oportunidades presentes nos diferentes contextos pelos quais transitam.

As análises deste trabalho possibilitaram revelar as fragilidades inseridas e presentes nas dinâmicas das oportunidades oferecidos aos jovens no momento atual da nossa sociedade e que induzem limitações das ações dessa juventude. Os fatores “escola” e “trabalho” se apresentaram como contextos fundamentais para a inserção social de jovens à sociedade, principalmente os jovens oriundos das classes menos favorecidos que precisam trabalhar para contribuir com a renda familiar.

As experiências dos adolescentes e jovens analisadas neste trabalho trazem características referentes aos contextos escolares e laborais, salientando o fato de que a maioria deles está na informalidade.

No que diz respeito à educação, os jovens participantes da pesquisa foram unânimes em afirmar a importância da formação escolar em suas vidas, no entanto deixando certo grau de distanciamento entre os dois contextos, escola e trabalho, destacando as tensões, contradições e obstáculos paralelos às relações com eles.

Quanto à importância do programa Menor Aprendiz como ampliação das oportunidades de trabalho para o jovem, é perceptível seu potencial enquanto promotor de mudanças a partir de projetos que atendam aos jovens para que recebam capacitação.

Das estratégias destacadas pelos jovens para conciliar trabalho e estudo, os esforços pessoais e particulares de cada um, com certa dose de malabarismo entre escola, trabalho formal e atividades laborais informais, que segundo a maioria dos entrevistados são necessários para o complemento da renda familiar, aparecem como as principais.

Os estudantes ressaltam, ainda, que o apoio dos professores e a força provinda dos colegas da escola, servem de incentivo e motivação para não desistirem de seus estudos, bem como o apoio recebido dos colegas de trabalho e a compreensão dos seus superiores para não abandonarem seus empregos.

No que diz respeito à inserção dos jovens que estudam e trabalham ao mundo do trabalho, destaco que o jovem se defronta com um cenário muito adverso quando de sua inserção social e profissional, onde as dinâmicas de funcionamento não atendem as demandas da faixa etária em destaque neste estudo. Não há efetivas oportunidades para o desenvolvimento permanente desses estudantes que promova a sua inserção profissional de forma qualificada.

Diante das evidências citadas, este trabalho traduz a necessidade de se desenvolver projetos integrados envolvendo os jovens em interações elaboradas e educacionais, através da própria escola em que frequentam. Percebe-se a ligação essencial entre escola e trabalho como esferas concomitantes na vida dos jovens, não podendo ser vistos como contextos distintos, separados e sem nenhum tipo de comunicação e de forma que os estudantes pregam o trabalho como real e o estudo distante.

As situações de trabalho e aprendizado através da escola devem ser conjugadas para que estes jovens percebam a escola de forma vinculada e inseparável de suas realidades e necessidades.

Uma possibilidade para amenizar esses problemas é a implantação de programas de aprendizagem oferecidas no próprio espaço escolar em que os jovens se encontram, oferecendo capacitação e uma maior integração entre o currículo escolar e programas profissionalizantes.

Espera-se que o resultado deste trabalho contribua para intervenções voltadas a criação de oportunidades, possibilitando melhores condições de vida aos jovens estudantes trabalhadores brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALTUSSER, Luís. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 6º ed. Rio de Janeiro, 1992.
- BANJOIT, Guy, e FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. **Revista brasileira de educação**. N° 6, 1997, p.76-96.
http://anpeed.org.br/rbe/numeros_rbe/revbrasek6_5.htm
- BECKER, G. **Capital Humano**. Cambridge. Editora. Harved Press, 1985
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Ed. Vozes. Petrópolis, 2012.
- _____. **Questões de Sociologia**. Ed. Zero Ltda. Rio de Janeiro, 1993.
- BRANCO, M. **Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para políticas públicas**. Ministério do emprego e trabalho. São Paulo, 2005.
- _____. **Retratos da juventude brasileira: A análises de uma pesquisa nacional**. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2005.
- BRUNS, B. In. Comim, F. **Fatores da determinação dos jovens no Brasil**. UFRGS. Porto Alegre, 2012.
- CASTEL, Robert. **As Metamorfoses da Questão Social**. ED. Vozes. Petrópolis, 1998.
- CARVALHAL, Maria. **Arte de trabalhar e estudar**. São Paulo, 2013.
- CHAVENATO, Idalberto. **O capital Humano das Organizações**. Editora Ática. 8º edição. São Paulo, 2004.
- CORROCHANO, M. C. **Jovens olhares sobre o trabalho: Um estudo dos jovens operários**. Faculdade de educação. USP. São Paulo, 2001.
- DAYRELL, Juarez. A juventude no contexto do ensino de Sociologia: questões e desafios. In: **Sociologia: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2010.
- _____. **A Educação do estudante trabalhador: uma abordagem alternativa, Educação em Revista**. B. H. (15): 21-29. Jun. 1992.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 11. ed. São Paulo: Edições melhoramentos, 1976.
- FRIGOTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. Editora Cortez. São Paulo, 2003.
- GONZAGA, G. **Os efeitos laborais e legislação brasileira**. Ed. Anais. Bahia, 2012.
- GONZALES, R, M; ROMANELLI, G. **A Inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG**. Psicologia em estudo, Vol. 7. Maringá, 2002.

HASENBALG, Carlos. A distribuição de recursos. In: HASENBALG, Carlos; VALLE SILVA, Nelson do. **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: IUPERJ/UCAM: Topbooks: FAPERJ, 2003, p. 55-81.

HENRIQUE, W. **O capitalismo selvagem: um estudo sobre desigualdade no Brasil**. 1999. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1999.

IBGE. Indicadores IBGE (2003-2011). **Pesquisa Mensal de Emprego**. Principais destaques da evolução do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa. Rio de Janeiro: IBGE 2012.

KORMAN, D. **Inserção Profissional dos jovens**. Editora Nova. Rio de Janeiro, 2004.

MARIN, J.O.B. **Trabalho e adolescência**. Ed. Plano Brasília, 2006.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6ª edição. Atlas. São Paulo, 2005

MARX, KARL. **O capital, vol., 1, tomo1**. São Paulo. Ed. Nova cultural. 1988.

_____. **O Capital**. São Paulo. Boitempo Editorial. 2010.

_____. Teses Contra Feurbach. In: **Os pensadores**. São Paulo: abril, 1978.

MESQUITA, M. Roberto. **O desemprego dos jovens e as políticas públicas no Brasil após 1990**. VECC. Campinas. São Paulo, 2006.

MTE. **Ministério do trabalho e Emprego. Secretaria de Inspeção do trabalho, Secretaria de Políticas Públicas de Emprego. Manual de Aprendizagem. O que é preciso saber para contratar o aprendiz**. 7ª ed. Assessoria de Comunicação do TEM. Brasília, 2011.

MINAYO, M.C.C. **Pesquisa Social**. Edição 33. Ed. Vozes. Ribeirão Preto- S.P, 2013.

OLIVEIRA, Marcio André Araújo de. **Trabalho informal e redes sociais**. Manaus, 2006.

_____. **Trabalho e profissionalização do jovem**. São Paulo, 2004.

ORTIZ, Renato. Gosto do classe e estilo de vida. In: **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'água, 2003.

POCHMANN, M. **A batalha do primeiro emprego: As perspectivas e a Situação atual dos jovens no Mercado de Trabalho**. Ed. Publisher Brasil. São Paulo, 2007.

PORTES, Élcio A. O trabalho escolar das famílias populares. IN: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). **Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 61-80.

ROMANELLI, Otaiza Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: vozes, 1980.

SARTI, C. A. **O jovem na família: o outro necessário**. Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2005.

THOMÉ, L.D. & KOLLER S. H. **Inserção laboral juvenil**. Editora Paideia. Ribeirão Preto, 2010.

VON DOLINGER, K. R. **Educação trabalho e emprego numa perspectiva global**. SENAC. Rio de Janeiro, 1997.

WACQUANT, Loic. **Esclarecer o *habitus*. Educação & Linguagem**. São Bernardo do Campo, SP, ano 10, n. 16, jul-dez. 2007, p. 63-71.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

APÊNDICE

Apêndice 01. Questionário

Senso do aluno empregado e desempregado

1)Qual sua idade?

- ☐ Até 14 anos
- ☐ 15 anos
- ☐ 17 anos
- ☐ 18 anos ou mais

2)Você trabalha?

- ☐ Sim ☐ Não

3) Qual sua área de atuação?

- ☐ Comércio
- ☐ Indústria
- ☐ Educação
- ☐ Setor Público
- ☐ Agricultura/ Extração
- ☐ Serviços ☐ Outros ☐ Não Trabalho

4) Por que você não trabalha?

- ☐ Eu trabalho
- ☐ Idade
- ☐ Dificuldades em conciliar horários
- ☐ Qualificação
- ☐ Falta de oferta de vagas ☐ Outros

5) O que os jovens buscam no emprego?

- ☐ Salário
- ☐ Carga horária compatível
- ☐ Boas condições de trabalho
- ☐ Experiência
- ☐ Outros ☐ Não trabalho

6) Há quanto tempo você está trabalhando?

- ☐ Menos de 6 meses
- ☐ De 6 meses a 1 ano
- ☐ Mais de 1 ano
- ☐ Nunca trabalhei
- ☐ Já trabalhei mas não estou empregado atualmente

7) Durante esse período você mudou de emprego/empresa, quantas vezes?

- ☐ 1 ☐ 2
- ☐ Mais de 3

☐ Não mudei ☐ Não trabalho atualmente

8) Há quanto tempo você está desempregado?

☐ Não estou desempregado

☐ Menos de 6 meses

☐ De 6 meses a 1 ano

☐ Mais de 1 ano ☐ Nunca trabalhei

9) Quais são as dificuldades em relação às exigências para as vagas de trabalho disponível?

☐ Falta de experiência

☐ Idade

☐ Emocional

☐ Formação ☐ Outros

10) Você trabalha formal ou informalmente?

☐ Formal

☐ Informal (sem carteira assinada) ☐ Não trabalha

11) Com qual idade você começou a trabalhar?

☐ De 14 até 17 anos

☐ Depois dos 18

☐ Nunca trabalhei

12) Você participa do programa Jovem Aprendiz?

☐ Sim ☐ Não

13) Sendo o salário mínimo 870,00 reais, qual sua média salarial?

☐ Até meio salário mínimo

☐ Um salário mínimo

☐ Mais de um salário mínimo

☐ Ganho por dia

☐ Não trabalho

14) Quais as finalidades do seu salário?

☐ Uso único e individual

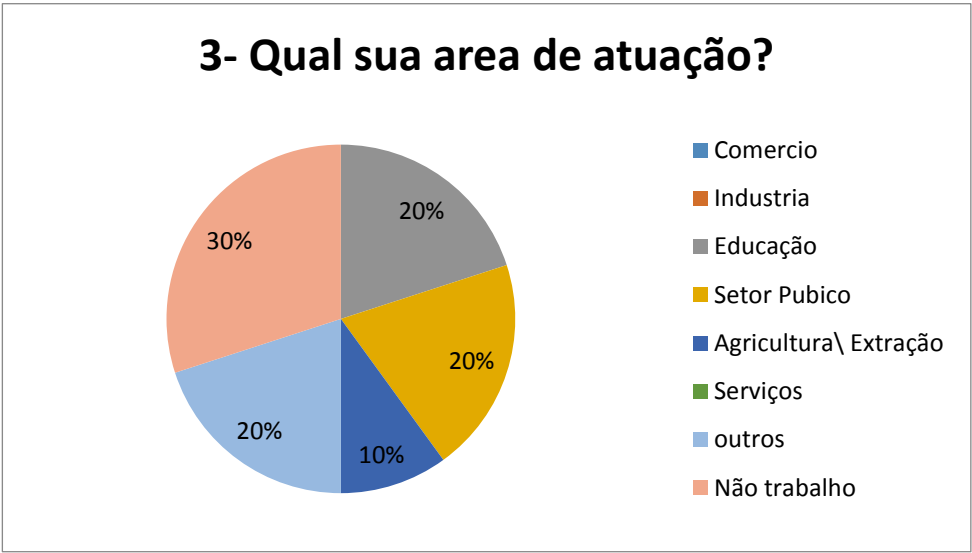
☐ Contribuição parcial na renda familiar

☐ Contribuição total na renda familiar

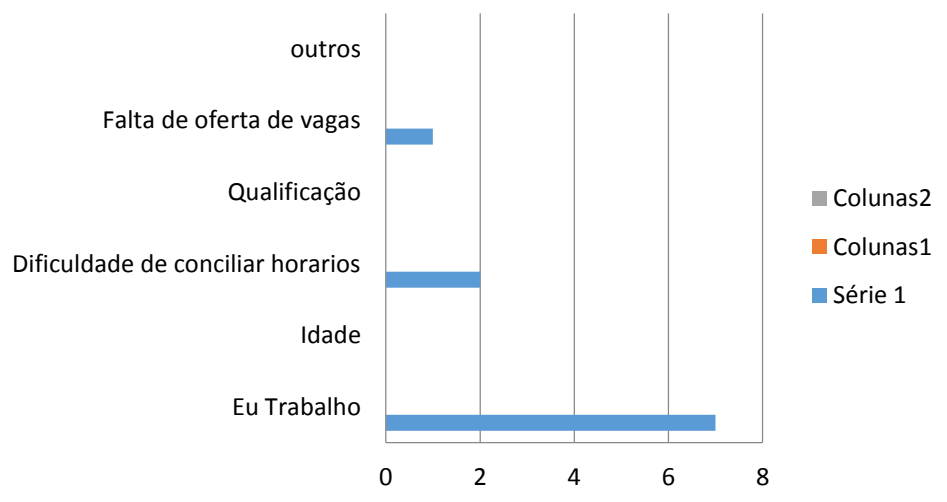
☐ Não tenho renda

Anexos

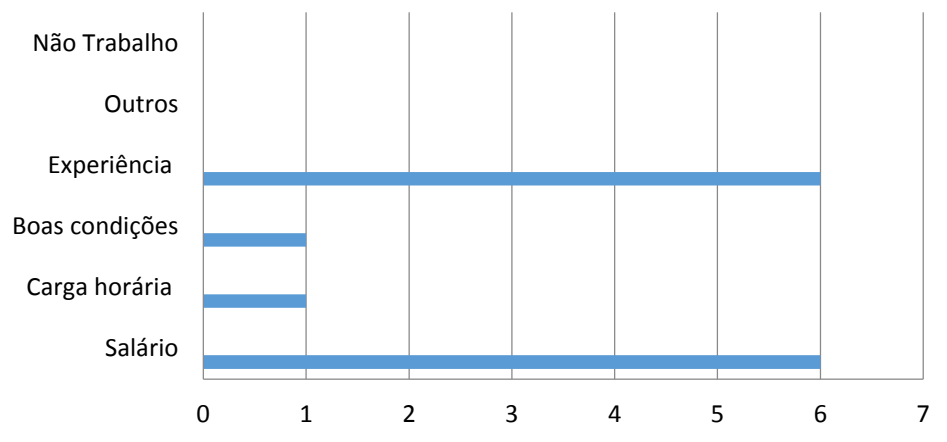
Gráficos da Escola Coronel Ernesto Bertaso - Chapecó 2016/2



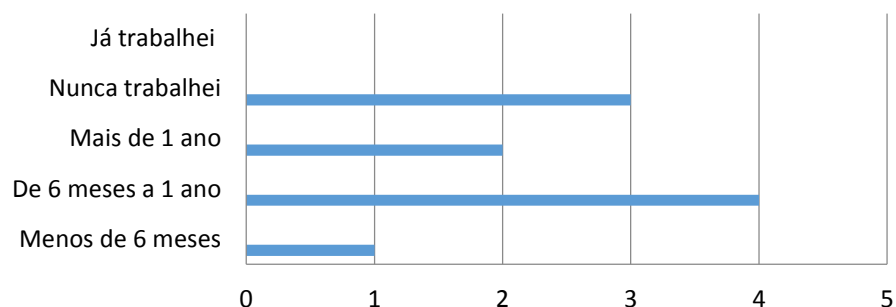
4- Por que você não trabalha?



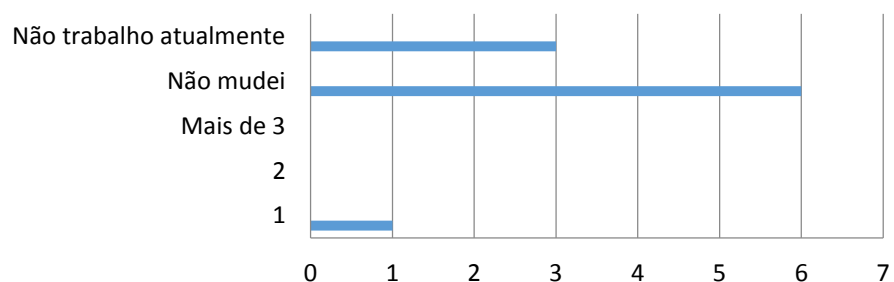
5- O que os jovens buscam no emprego?



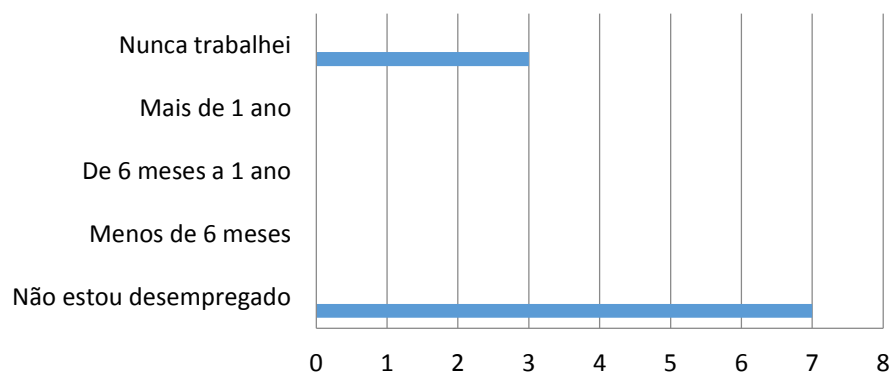
6- Há quanto tempo você está trabalhando?



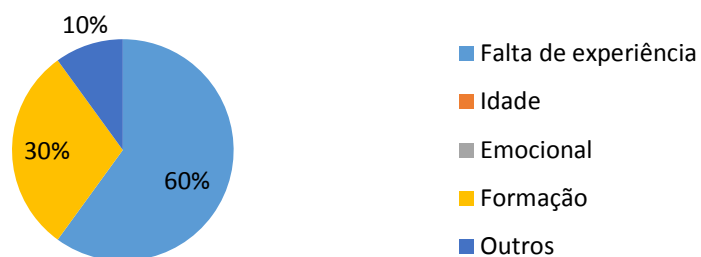
7- Durante esse período você mudou de empresa\ emprego, quantas vezes?



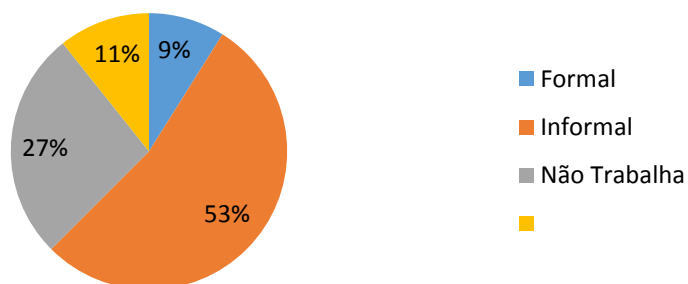
8- Há quanto tempo você está desempregado?



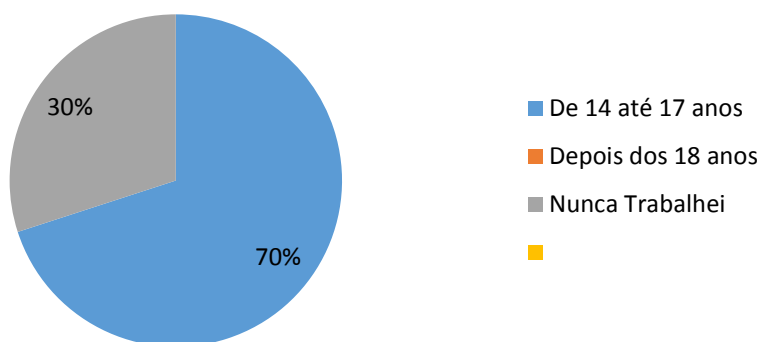
9- Quais as dificuldades em relação as exigencias para as vagas de trabalho disponiveis?



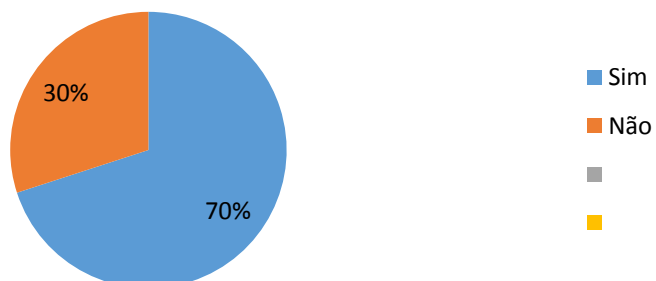
10-Você trabalha formal ou informalmente?



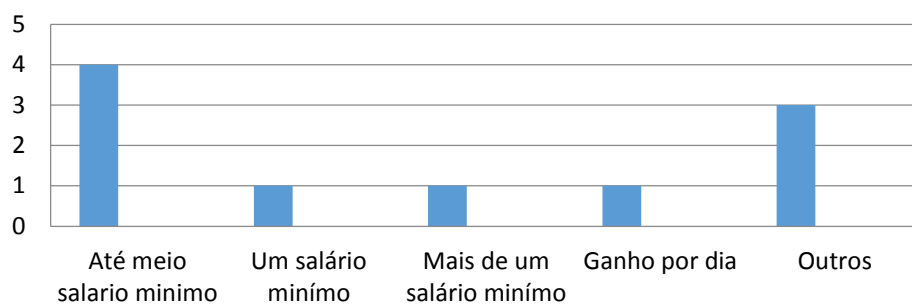
11- Com qual idade você começou a trabalhar?



12- Você participa do programa Jovem Aprendiz



13- Sendo o salário mínimo 870,00 reais, qual sua média salarial?



14- Qual a finalidade do seu salário?

